

PsittaScene Outono 2014

Sumário

- 2 Mensagem da Editora - *Desi Milpacher* (traduzido por André Becker Saideberg)
- 3 Cacatuas em crise – Cacatuas Negras do Oeste da Austrália (A.B. Saideberg)
- 8 As aventuras de Baloo – Arara verde grande na Costa Rica (A.B. Saideberg)
- 10 Uma vida em imagens – Tributo a Luiz Claudio Marigo (A.B. Saideberg)
- 13 Uma longa caminhada – Patience o retorno do Papagaio do Congo à África (A.B. Saideberg)
- 15 Bananas, o sobrevivente – O resgate bem sucedido de um filhote selvagem (A.B. Saideberg)
- 18 Agapórnis na cidade – Psitacídeos adaptados em áreas urbanas (traduzido por Mary McTague)
- 20 Páginas Pet: Porque adotar faz sentido (A.B. Saideberg)
- 22 PsittaNews – *Notícias e Eventos, Contatos do WPT* (A.B. Saideberg)
- 24 Psitacídeos na natureza – Araras azuis

Mensagem da Editora

É com alegria e antecipação que assumo o papel de Editora da PsittaScene, a respeitada publicação de um quarto de século do World Parrot Trust. Sento aqui escrevendo isso e reflito sobre a formidável viagem que me levou de voluntária até Editora de publicações para o WPT. Foi uma viagem que tanto me impressiona, inspira e amedronta um pouco – e uma jornada que certamente não percorri sozinha.

Um grupo devotado e talentoso trabalha para o WPT e pelos psitacídeos, um grupo de todos os tipos que consiste de pessoas que são movidas pelo seu comprometimento e paixão pelos psitacídeos de todos os tamanhos, formas e cores. É uma honra para mim e prazer continuar a trabalhar com eles.

Devo tirar o chapéu para meus colegas da PsittaScene, Michelle e Karen, pelo seu incansável e ético trabalho e brilho criativo, e para a Editora anterior, Joanna Eckles, cujos conselhos e bom humor foi vital para nossos esforços iniciais. Mergulhando fundo na piscina da publicação nunca foi tão divertido.

Nosso objetivo com nossa sagrada revista é continuar a trazer a você, nossos leais apoiadores, as mesmas estórias fascinantes, e inspiradoras que temos trazido à você por anos e anos. Iremos trazer o bom, o mau e sempre a verdade completamente sem enfeites sobre nosso trabalho e o que está ocorrendo com os psitacídeos no mundo. E teremos certeza de escutar atentamente você, nossos amigos, e suas experiências e preocupações com psitacídeos.

Começando com uma Editora emplumando (analogia com psitacídeos) também leva a oportunidade de tentar novas coisas com nossa revista, e com isso em mente nós viemos alegremente com ideias para manter todos estimulados e informados. A variedade é o tempero da vida como se diz, e para começar deste modo, nessa edição temos histórias inspiradoras de um resgate de psitacídeos na África e na Costa Rica, importantes trabalhos sendo realizados para as Cacatuas negras na Austrália, um adorável tributo a um renomado fotógrafo de vida selvagem, a adoção de psitacídeos para companhia, e agapórnis vivendo em uma cidade americana...

Portanto termino agora minha mensagem, a primeira de muitas eu espero, pelos anos que virão. E pulo no desconhecido com meus colegas do WPT e amigos publicando com deleite.

Desi Milpacher – Editora

FRENTE: As Cacatuas negras de Carnaby (*Calyptorhynchus latirostris*) no Parque Tamala (Mindarie, Perth, Oeste da Austrália). Leia Cacatuas em crise, página 4. © Georgina Steytler

VERSO: Um casal de Araras azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*) num espetacular Ipê (*Tabebuia impetiginosa*) no Pantanal, Brasil. © Luiz Claudio Marigo

CACATUAS EM CRISE

ESCRITO POR JESS LEE

O oeste da Austrália é o lar de uma variedade de espécies endêmicas – plantas, mamíferos e aves. Dentre as aves, seis são psitacídeos, incluindo três diferentes espécies de cacatuas negras – Carnaby, Baudin e a Cacatua negra de cauda vermelha da floresta.

As populações de todas as três estão diminuindo.

Birdlife Austrália: Programa para as Cacatuas Negras Ameaçadas.

Das Cacatuas Carnaby, Baudin e de cauda vermelha da floresta, a Carnaby é a mais conhecida aos olhos do público, conforme os bandos de aves são frequentemente vistos voando através dos céus de Perth e dos subúrbios próximos durante a estação não reprodutiva. Eu frequentemente ouço os seus distintos gritos lamuriosos conforme voam vagarosamente acima da minha casa.

Apropriadamente, ela se tornou a cacatua negra mais icônica do oeste da Austrália e é vista como uma espécie bandeira. Conforme a estação reprodutiva se aproxima,

os bandos de Carnaby deixam a cidade, se dirigindo para o interior até a região produtora de grãos onde elas nidificam em florestas de eucaliptos secos.

As outras duas espécies tem um perfil público muito menor porque não vivem nas cidades – elas são frequentemente chamadas de “cacatuas negras da floresta” porque preferem reproduzir-se e se alimentar nas florestas úmidas mais ao sul onde menos pessoas as veem.

Porque tomar uma atitude?

Os bandos de Carnaby que voam sobre a minha casa não são tão grandes como eram no passado, e a mesma situação ocorre com as outras também. As suas populações estão todas em declínio conforme o habitat de que dependem para nidificar, alimentar e como dormitório está sendo destruído. A situação pode ser ainda pior do que achamos, conforme todas as três cacatuas são aves que vivem um longo tempo. Se elas viverem muitos anos sem se reproduzir com sucesso – significando que poucas aves jovens estão sendo adicionadas à população – isso dá uma falsa impressão que leva algumas pessoas a acreditarem que a população “está bem”.

No entanto, quando as aves mais velhas eventualmente morrerem, sem aves jovens para substituí-las, a população pode facilmente sucumbir. E isso poderia acontecer a qualquer momento agora.

O projeto em que trabalho – Programa de Conservação da Birdlife Austrália para a Cacatua Negra – tem por objetivo conservar as aves e diminuir o seu declínio ao se lidar com os problemas que ameaçam a sua sobrevivência.

Legendas: Acima a esquerda: Um macho de Baudin se alimentando de sementes de *Corymbia calophylla*.

Acima à direita: Uma fêmea de Carnaby em um ninho artificial.

Abaixo à esquerda: Um filhote de Carnaby no ninho.

Parte anterior: Pesquisadores voluntários durante a grande contagem de cacatuas de 2014.

Status de Conservação das Cacatuas Negras do Oeste da Austrália

Desafio atual: Ao nível estadual, a Cacatua Negra de Carnaby (*Calyptorhynchus latirostris*) e a Cacatua Negra de Baudin (*Calyptorhynchus baudinii*) são listadas como “Ameaçadas” e a Cacatua Negra de cauda vermelha da floresta – uma subespécie da mais difundida Cacatua Negra de cauda vermelha (*Calyptorhynchus*

banksii naso) – listada como “Vulnerável”. A nível nacional a Carnaby é “Ameaçada”, enquanto que a Baudin e a Cacatua Negra de cauda vermelha são “Vulneráveis”. A IUCN reconhece as Cacatuas Carnaby e Baudin como “Ameaçadas”, enquanto que a Cacatua Negra de cauda vermelha são consideradas “Pouco Preocupantes”.

Programa de Conservação da Birdlife para as Cacatuas Negras

Aqui na Birdlife Austrália nós dirigimos um programa dedicado em salvar as cacatuas negras ameaçadas – o único projeto deste tipo feito por uma ONG na Austrália. Nós temos um histórico forte e comprovado na conservação de aves. Baseado na Birdlife do Oeste da Austrália em Perth, meu papel envolve passar muito tempo trabalhando com as partes interessadas e donos de terra de modo que juntos possamos fazer ações de conservação práticas in situ. Eu também gosto de entrar em contato com nossa grande e informada rede de voluntários. Alguns de nossos voluntários apoiam o programa tomando parte em atividades recorrentes de monitoramento, especialmente a Grande Contagem de Cacatuas – nosso maior evento anual para monitorar os locais de dormitórios de cacatuas negras através do sudoeste do Oeste da Austrália.

Para garantir que nossas ações são eficazes, recebemos o conselho de grupos técnicos e apoio para organização do escritório nacional da Birdlife Austrália em Melbourne. O objetivo do nosso projeto é reestabelecer populações sustentáveis de cacatuas negras ameaçadas através do sudoeste da Austrália através de uma combinação de atividades de pesquisa, monitoramento e recuperação. Estas atividades incluem:

- (a) Identificar habitats prioritários e aumentar o número de locais criticamente importantes para nidificar, alimentação e dormitório;
- (b) Identificar as necessidades de conservação e lidar com as lacunas no conhecimento sobre a população da espécie e onde ela ocorre;
- (c) Compreendendo os impactos de as ameaças contínuas e como mitigá-los;
- (d) Aumentar a conectividade de habitat adequado para incrementar a área das cacatuas negras;
- (e) Utilizar a educação para aumentar a consciência e apreciação das cacatuas negras em comunidades através do Oeste da Austrália;
- (f) Incluir os interessados e grupos comunitários para se envolverem em ações de recuperação locais que construam uma propriedade comunitária e capacidade de gerir as paisagens locais para as cacatuas negras;

(g) Formar parcerias com os interessados para compartilhar conhecimento e conselhos para lidar com questões de manejo ecológico e desenvolver planos de escala paisagística.

Nossa estória

Comecei a trabalhar no Projeto de Recuperação da Cacatua negra de Carnaby nesse ano, mas o projeto existe desde o ano 2000, e nesse tempo já se observou a proteção bem sucedida de 4.000ha de habitat crítico para alimentação, dormitório e reprodução em propriedades privadas, a construção de cercas para excluir o gado de outros 2.000ha de vegetação remanescente (com a permissão dos proprietários, é claro!) e orientou o replantio de mais de 100 há de floresta nativa. Nós também reparamos mais de 200 cavidades de ninhos naturais e proporcionamos uma abundância de ninhos artificiais também de modo que as cacatuas tenham um local para reproduzir novamente.

Para obter esse resultado nós temos trabalhado de perto com os donos de terra, grupos comunitários, governo, escolas e agências de manejo de recursos naturais. É vital que consigamos passar a mensagem sobre a conservação de cacatuas para a comunidade como um todo, e nós fazemos isso conduzindo regularmente workshops e dias de campo, assim como através da mídia. De qualquer maneira, apesar de todo nosso crucial trabalho local, nossa Grande Contagem de Cacatuas através do estado é quando a questão sobre a Cacatua de Carnaby está mais presente na mente da comunidade.

Realizado no dia 6 de Abril, a contagem deste ano teve a participação de quase 600 pessoas, observando mais de 300 locais potenciais para dormitório de Geraldton ao norte até Esperance no leste para contar o número de Cacatuas de Carnaby que voaram para dormitórios ao anoitecer. É uma das maiores pesquisas por cidadãos e tem sido realizada nos últimos cinco anos. Já se desenvolveu em uma grande ocasião social, e não há nada que eu goste mais do que me deslocar entre os locais de monitoramento para encontrar nossos entusiásticos voluntários.

Estamos utilizando a informação gerada pela Grande Contagem de Cacatuas para documentar os padrões de abundância das Cacatuas negras de Carnaby nas planícies costeiras assim como proporcionar um mínimo de estimado populacional para a espécie na região. E pela primeira vez, a Grande Contagem de Cacatuas de 2014 também incluiu observações sobre a Cacatua negra de cauda vermelha da floresta. Isso foi um prelúdio para incluir todas as cacatuas negras ameaçadas em nossas atividades de conservação. Em adição Grande Contagem de Cacatuas, também mobilizamos nossa rede de voluntários para monitorar as atividades de reprodução e alimentação de todas as cacatuas negras no sudoeste.

O simpósio sobre a cacatua negra da floresta, que foi realizado em Junho deste ano, ajudou a identificar um número de lacunas em nosso conhecimento, assim como identificar maneiras de aliviar as pressões contínuas sobre as cacatuas dentro de florestas que são utilizadas por muitos interesses diferentes (e algumas vezes conflitantes) no sudoeste da Austrália.

Esses conflitos incluem o impacto da perda de habitat através da mineração e desmatamento, e o contínuo conflito entre as Cacatuas de Baudin e fruticultores.

Os resultados que conseguimos irão ser utilizados para informar de maneira mais abrangente a comunidade e as partes interessadas na conservação sobre o destino de todas as três espécies, auxiliar na identificação de áreas significativas de habitat vital e ajudar nosso entendimento sobre os impactos do uso da terra sobre a sua ecologia, e por fim conservar as cacatuas negras do oeste da Austrália. Com sorte, com nossa e a sua ajuda, os bandos de cacatuas negras irão continuar a voar sobre minha casa pelos anos que virão.

Jess Lee é o Oficial de Projetos para as Cacatuas Negras ameaçadas na Birdlife Austrália. Para mais informações sobre o Programa de Conservação da Cacatua Negra, contate Jess no e-mail jess.lee@birdlife.org.au, ou visite o seu website em: birdlife.org.au/projects/carnabys-black-cockatoo-recovery

As aventuras de Baloo

Artigo e fotos © The Ara Project

Citação: “Tenho três aves voando aqui em cima de minha propriedade, gritando e brincando!”

Essa chamada entusiástica veio de um vizinho vivendo a 3 Km de distância do local de soltura das araras. Esses telefonemas se tornaram mais frequentes, e isso é uma boa notícia porque com o envolvimento da comunidade, pudemos monitorar e proteger as Araras-verdes-grandes na Costa Rica.

O Ara Project prove um santuário para araras resgatadas e confiscadas para reproduzir e liberar na natureza em seus centros de reprodução e reintrodução na Costa Rica.

Nossa primeira reintrodução de Araras-verdes-grandes (*Ara ambiguus*) nascidas em cativeiro foi em Agosto de 2011, com uma segunda soltura ocorrendo em 2012, e outra no início de 2014. A estação de reintrodução está localizada em cima do cume de uma montanha a aproximadamente 2 Km da costa Caribenha. A tendência do primeiro grupo que soltamos foi de voar para baixo; a maior parte dessas araras acabaram por ficar próximas da praia.

Ficamos preocupados que as araras poderiam ficar vulneráveis à ação de pessoas, mas nossas preocupações logo se tornaram uma vantagem. A vegetação costeira tem uma fartura de árvores de Chapéu-de-sol (*Terminalia catappa*) com uma abundância de nozes que as araras aprenderam a comer durante o seu processo de adaptação no aviário de voo.

Adicionalmente, os vizinhos locais responderam muito positivamente, relatando os avistamentos das araras para nossa equipe. A economia da área é feita através do eco-turismo e a maior parte das pessoas compreende a importância de preservar os recursos naturais e sobre um ambiente saudável. Nossas solturas tem saído muito bem e os relatos são muito uteis, e em alguns casos vitais.

Ocasionalmente, as aves procuram um pouco de aventura.

A Arara-verde-grande, Baloo (RM145), foi solta no final de Abril, 2014, de nossa estação de soltura em Manzanillo para se unir a mais de 30 araras que já haviam sido soltas para voar livres. Pouco após sua soltura, Baloo desapareceu. Geralmente após saírem para voar, as araras passam vários dias desorientadas, aperfeiçoando as técnicas de voo e ajustando as suas direções até que encontram seu caminho de volta para o aviário de soltura, geralmente guiadas pelas aves que já estão adaptadas.

Dez dias se passaram e não tínhamos nem visto ou recebido informações sobre ele. Estávamos ficando preocupados que Baloo poderia ter se perdido e poderia não ter mais força para voltar ao local da soltura onde mantemos os comedouros externos e água para suplementar a sua dieta até que essas aves aprendam a sobreviver por conta própria.

Nós pusemos um alerta em nossas redes sociais, perguntando por avistamentos, e surpreendentemente recebemos um chamado de Kherson Ruiz, um biólogo baseado a sul da fronteira no Panamá. Ruiz tem uma ONG de conservação na reserva de áreas alagadas San-Pond Sak e ele nos informou que haviam descoberto uma Arara-verde-grande na praia, fraca e presa em alguns detritos.

Eles resgataram a ave e a trouxeram de volta ao seu centro, percebendo que ele estava cansado e algumas de suas penas pareciam estar danificadas; eles também observaram uma anilha prateada em seu pé com o número RM145. Kherson havia escutado sobre nosso programa de reintrodução e obteve nosso número de telefone através do nossa vital rede de contatos. Ficamos exultantes e aliviados! Nós lhe demos instruções sobre como cuidar de Baloo, mas ao receber fotos e conversando mais decidimos que era melhor trazê-lo de volta para nossa estação de soltura para cuidados.

Transportar espécies ameaçadas através das fronteiras internacionais não é uma tarefa fácil, e quase impossível de ser realizada sob circunstâncias “normais”. Contatamos nossas autoridades locais do Ministério de Meio Ambiente enquanto que Kherson contatou as autoridades ambientais panamenhas.

Já que ambas ONGs são grupos de conservação ativos que trabalham junto com nossos respectivos ministérios de meio ambiente por vários anos, ambas agências governamentais concordaram entusiasticamente em facilitar o retorno de Baloo para nossa estação em Manzanillo.

A fronteira da Costa Rica- Panama tem diversos acordos de cooperação bilaterais, incluindo uma área binacional protegida pela UNESCO, o Parque AMistad. As autoridades panamenhas ofereceram entregar a ave para as autoridades da Costa Rica na travessia da borda do Rio Sixaola.

Essa ação, no entanto, requeria muita coordenação por telefone, e-mail e rádio devido à localização remota de Baloo em San San, e o desafio de se determinar um horário mutuamente conveniente. Após alguns dias organizando, as duas delegações se encontraram na ponte e a transferência foi realizada com sucesso.

Baloo agora já recuperou a sua força no aviário pré-soltura e está se preparando para usa próxima oportunidade de voar livre!

Apesar de que essa foi nossa primeira experiência internacional na reintrodução das Araras-verdes-grandes de volta ao seu habitat natural, nós já tivemos oito situações em que aves soltas necessitaram inicialmente de resgate. Todas foram integradas com sucesso em nosso bando crescente voando livre na região de Talamanca; uma arara necessitou de dois resgates iniciais, mas por vários meses ele parece estar bem adaptado e continua a aproveitar o voo e a alimentação na natureza.

Uma mensagem de agradecimento.

Somos gratos pelo grande apoio da comunidade que temos recebido devido ao nosso programa de educação ambiental. Os residentes locais, turistas, e aficionados por aves se maravilham com as observações incríveis e sons dessas magníficas criaturas.

As Araras-verdes-grandes eram no passado uma visão comum no habitat do Caribe Centro Americano, e se tornaram praticamente extintas em nossa zona sul, e agora estão sendo ajudadas a voar livres uma vez mais, contribuindo para a rica biodiversidade da área e prazer das comunidades locais. Nossa equipe e voluntários dedicados contribuíram muito para esse sucesso.

Enrique Pucci, Vice Presidente *The Ara Project* (www.thearaproject.org).

Legendas: A equipe de resgate de Baloo (acima), trazendo-o de volta à segurança do aviário pré-soltura em Manzanillo, onde ele poderá se recuperar para sua próxima tentativa de liberdade (abaixo).

Uma grande jornada

Para Patience e seus amigos, a espera havia terminado; a hora de aproveitar mais uma vez a liberdade na floresta africana havia finalmente chegado.

No dia 27 de Junho, os últimos Papagaios-do-Congo (*Psittacus erithacus*) que eram parte de um carregamento ilegal de papagaios capturados na natureza, confiscados conforme entravam na Europa foram finalmente soltos na Ilha de Ngamba, Uganda (leia *PsittaScene, Inverno, 2013*). Esses papagaios que muito provavelmente se originaram da vizinha República Democrática do Congo, haviam adentrado a Bulgária via Líbano, utilizando permissões falsificadas.

Após serem confiscados pela alfândega da Bulgária seguiu-se um grande esforço inédito, liderado pelo World Parrot Trust, que resultou no retorno para a África e a soltura em uma Ilha protegida no Lago Vitória. Foi uma conveniência que tal ocasião foi presenciada pela renomada conservacionista Dra. Jane Goodall. Mais conhecida por seu trabalho com primatas, a Dra. Goodall também tem uma paixão de longa data por psitacídeos. Ela estava visivelmente emocionada conforme abriu a porta do aviário e começou um novo capítulo nas vidas destas aves selvagens.

Mas para Patience, e outros quatro papagaios, isso infelizmente não foi o fim da jornada. Estava claro que o momento de soltura para esses papagaios veio quando estes não estavam voando bem o suficiente para se protegerem. A difícil decisão foi feita em mantê-los e proporcionar mais tempo para recuperação. Diversos não tinham todas as penas de voo e não estariam prontos para voar até que fizessem a muda. Eles foram levados de volta ao Centro Educacional de Vida Selvagem de Uganda (UWEC), um parque zoológico próximo a Entebbe, onde poderiam ser temporariamente acondicionados e receberem cuidados adequados.

Enquanto isso, na Ilha de Ngamba, os papagaios soltos estavam rapidamente se acostumando à redondezas. A equipe do Santuário de Chimpanzés e Conservação de Vida Selvagem (CSWCT) proveu comida no aviário todos os dias e cuidadosamente monitoraram os números de papagaios observados. Os números variaram a cada dia, mas bem mais da metade das aves libertas regularmente retornaram para se alimentar. O mais tocante foi que os papagaios foram vistos trabalhando juntos para afastar outras aves da estação de alimentação, incluindo aves muito maiores como corvos.

Claramente, apesar de vários anos em cativeiro, os seus instintos selvagens não haviam sido suprimidos.

A Paciência (Patience) foi recompensada...

No final de Setembro, Patience e as outras aves haviam sido levadas de volta à Ngamba e estavam se acostumando à sua vizinhança luxuriante. Envolvidos pela vegetação verde e uma cacofonia de sons selvagens, é difícil não imaginar os seus espíritos elevados. Os assobios de seus antigos companheiros de gaiola agora voando livres sem dúvida os ajudaram a se estimularem.

Com mais espaço para voar, eles agora tinham a chance de aumentar seus músculos de voo que necessitariam para voar acima da copa das árvores. Apesar de que as aves soltas haviam começado a visitar com menos frequência, a equipe de Ngamba os observou vindo a “cumprimentar” aqueles no aviário a cada manhã, se empoleirando nas árvores próximas. Neste momento as aves soltas estavam sendo vistas se misturando e voando regularmente com um pequeno grupo de aves selvagens e voando através da água até as ilhas maiores e mais próximas. Todos ótimos indícios de sua sobrevivência a longo prazo.

No aviário as aves continuaram a melhorar sua condição física, ficando cada vez mais fortes. Mas, numa manhã um desastre, um dos papagaios havia desaparecido. Um trabalho de detetive revelou que um lagarto monitor, provavelmente um dos gigantes que vivem ao longo da praia do lago, havia cavado um caminho para dentro do aviário. Das trilhas na terra a equipe de Ngamba deduziu que o lagarto havia agarrado um papagaio antes de retornar a sua toca. Esse é apenas um dos desafios de se trabalhar em um santuário de vida selvagem cheio de vida e achamos que tivemos sorte que o resultado não tenha sido pior.

Finalmente o dia chegou para os papagaios sobreviventes serem retornados à natureza. A porta do aviário foi aberta com o nascer do dia e pelo início da tarde os assobios das aves soltas os atraíram. Realmente havia sido uma longa, longa jornada até a liberdade, mas para Patience e seus amigos sem dúvida valeu a espera.

Esse projeto inovador foi o resultado de duro trabalho de muitas pessoas e organizações comprometidas em retornar esses papagaios à natureza. O World Parrot Trust gostaria de estender a sua profunda gratidão a todos os envolvidos. EM Uganda o CSWT, UEWC, Jane Goodall Institute Uganda, e a Autoridade de Vida Selvagem de Uganda (UWA) merecem reconhecimento pelas suas contribuições vitais. A Fundação para Biodiversidade da Bulgária e o Ministro Búlgaro de Meio Ambiente e Água foram fundamentais por seu auxílio.

Artigo © Dr. Rowan Martin, Diretor do World Parrot Trust
Programa de Conservação na África. www.parrots.org/africa

Legendas:

Patience e seus amigos, previamente a sua longamente esperada soltura de volta à natureza.

Acima, aquecendo-se nos raios da liberdade recém encontrada. Abaixo, um vigia cauteloso mantém um olho aberto para perigos conforme o último dos papagaios sobreviventes finalmente obtém a sua liberdade, e se reúnem a seu bando selvagem.

Bananas, o Sobrevivente. O retorno de um filhote traficado – e sua re-adoção bem sucedida por seus pais – fornece um exemplo tangível e inspirador do que pode ser alcançado na conservação.

Escrito por Mohamed Henriques e Daniel Lopes

Conforme Manjaco subiu na árvore para verificar as marcas deixadas por um visitante indesejado, nós já estávamos adivinhando o pior: um traficante de papagaios havia estado ali e encontrou o que estava procurando. O que não podíamos adivinhar era a maneira com que as coisas iriam se desenvolver a partir daí.

O arquipélago de Bijagós, perto da costa da Guiné-Bissau, contém as mais admiráveis populações de Papagaios-de-Timneh (leia *see PsittaScene Inverno de 2013*). Em outros locais de sua área de distribuição no Oeste da África, as áreas de reprodução são pouco conhecidas e a captura e perda de habitat afetaram muito as populações.

Embora essas ameaças também estejam presentes nas Ilhas Bijagós, existe razão de esperança para um futuro melhor.

As questões afetando os Timnehs necessitam de ações imediatas. Uma parceria que foi desenvolvida entre o World Parrot Trust, o Instituto Nacional de Biodiversidade e Áreas Protegidas (IBAP) na Guiné Bissau, e pesquisadores portugueses para ajudar as aves está em andamento. Seguido de um pequeno projeto inicial, um maior foi inaugurado, financiado pela SOS (Save Our Species) e Fundação MAVA.

No começo de 2014, iniciamos um número de atividades através do arquipélago, centrados ao redor do Parque Nacional Marinho João Vieira e Polião. O foco

principal no trabalho deste ano era o monitoramento do ciclo reprodutivo, melhorar a informação sobre o tamanho e distribuição das populações, e compreender as necessidades de habitats tanto para reprodução como para alimentação.

O envolvimento dos parceiros locais, incluindo ex-trafficantes para monitorar os ninhos, foi uma parte essencial da estratégia para conseguir apoio para a conservação e proporcionar uma presença essencial nas áreas de nidificação, reduzindo as atividades de traficantes.

Durante a implementação dessas atividades em campo, a equipe de pesquisa foi confrontada por uma situação alarmante quando percebemos que uma das cavidades havia sido danificada. Infelizmente, após subirmos no ninho, nossos piores temores foram confirmados: O filhote havia desaparecido! A equipe do Parque Nacional rapidamente organizou reuniões com os líderes das comunidades em Bijagós.

Isso resultou numa série de acontecimentos inesperados que levaram ao resgate do filhote. Cinco dias após a ausência do papagaio ter sido notada, o filhote chegou de maneira anônima, deixado em uma caixa de papelão pendurada em uma palmeira. Com nenhuma ou pouca experiência em criar um filhote de papagaio nós estávamos subitamente confrontados com uma situação perturbadora: um filhote de aproximadamente sete a oito semanas completamente dependente de nós, muito enfraquecido e desesperado por comida.

Com muito poucos recursos, nós recorremos ao conhecimento dos antigos traficantes, agora nossos colaboradores, e nos conselhos de nossos amigos no WPT e ISPA (Portugal). O plano? Alimentar o filhote até que recuperasse suas forças novamente e então retorná-lo ao ninho original e para os cuidados de seus pais. Parecia bem arriscado. O cardápio? Simples: amendoins torrados, arroz cozido com óleo de dendê, e o mais apreciado item, bananas! Essa era a fruta adocicada que nosso bebê adorava e essa foi a razão para que rapidamente se tornasse conhecido como..Bananas!

A casa temporária de Bananas era uma caixa de papelão com pequenos furos, dentro de um quarto quieto com luzes fracas e alimentações frequentes, duas a três vezes ao dia. No começo, Bananas estava inquieto e amedrontado, fazendo ásperos chamados de alarme quando alguém se aproximava. No entanto, logo ele começou a se acostumar com a nossa presença e ficou mais disposto a comer. Conforme os dias passaram, a condição do filhote melhorou e seu nível de stress, apesar de constante, diminuiu.

No dia que consideramos que Bananas estaria forte o suficiente para voltar a seu ninho original chegou rapidamente. O pusemos em um saco de pano e um de

nossos colaboradores cuidadosamente subiu até a cavidade e colocou o filhote dentro. Então, nós pusemos uma câmera de modo que pudéssemos ver se os pais iriam adotá-lo novamente, ou se seria necessário criá-lo na mão. E incrivelmente, ali estavam eles! Os pais de Bananas estavam de volta, como se nunca tivessem deixado o local! Tantos dias haviam se passado (entre 13 a 18) após o desaparecimento do seu filhote! As filmagens das câmeras revelaram essa reunião emocionante, dando à equipe de pesquisa com alegria e alívio de um final feliz em uma estória de tristeza e sofrimento para o filhote.

Nós monitoramos o ninho continuamente por uma semana mais e pudemos observar Bananas se tornar um maravilhoso papagaio pré-emplumado. Finalmente, quando retornamos ao campo, 21 dias mais tarde, Bananas havia saído do ninho, presumivelmente voado com seus pais, e aprendendo as habilidades tais como o que comer e o que evitar.

O retorno de um filhote capturado, e sua re-adoção bem sucedida por seus pais proporciona um exemplo tangível e inspirador do que pode ser obtido na conservação. Bananas deve a sua liberdade ao trabalho duro de muitos indivíduos e organizações locais e internacionais, todas trabalhando juntas para a conservação.

Existe muito ainda a ser feito em Bijagós e em outros locais. Apesar de que existem aparentemente menos traficantes profissionais do que em anos passados, pesquisas feitas recentemente com as comunidades locais, assim como outras tentativas de roubo de ninhos que ocorreram este ano, indicam que a ameaça ainda existe.

Para os jovens locais enfrentando altos níveis de pobreza, as tentações de suprir o comércio ilegal de animais selvagens são consideráveis. Lidar com essa ameaça requer uma aproximação multi-facetada, trabalhando com as comunidades locais para construir apoio de base para a conservação enquanto que ao mesmo tempo lidando com o comércio internacional que está retirando psitacídeos e outros animais selvagens para fora da África. Enquanto que se obtém grandes lucros para os intermediários e oficiais corruptos esse comércio deixa as comunidades locais cada vez mais empobrecidas. Todo o sistema é insustentável, e deve ser eliminado para o benefício de todos.

Citação: Para cada final feliz, no entanto, existem outros que não tem tanta sorte.

Sobre os Autores:

Mohamed Henriques é um biólogo da Guiné-Bissau. Em adição ao seu trabalho de conservação com os Papagaios-de-Timneh, ele também está envolvido com projetos nas Ilhas Bijagós sobre tartarugas marinhas e aves marinhas. Daniel Lopes

é um biólogo da Faculdade de Ciências na ISPA, atualmente estudando para o seu Mestrado em Biologia da Conservação.

Esse projeto está sendo implementado pela IBAP com a coordenação de Aissa Regalla e Castro Barbosa, em parceria com a ISPA e o Programa de Conservação da África pelo World Parrot Trust. A equipe de 2014 incluiu os autores desse artigo, o ornitólogo de Guiné-Bissau Hamilton Monteiro e o atual diretor do PNMJVP (Parque Nacional Marinho de João Vieira e Polião) Quintino Tchantchalam. O patrocínio principal foi provido pelas Fundações SOS e MAVA.

A SOS é uma iniciativa em conjunto pela IUCN, a Instalação Ambiental Global e o Banco Mundial. Seu objetivo é garantir a sobrevivência a longo prazo de vida selvagem ameaçada, seus habitats e as pessoas que dependem deles. A MAVA é uma fundação filantrópica familiar baseada na Suíça com um foco exclusivo na conservação de biodiversidade.

Legendas:

Bananas no primeiro contato com a equipe de pesquisa, antes da captura, sendo examinado pela sua saúde e idade aproximada.

Membro da comunidade local de Bijagós coletando frutos de dendê (acima). Seco subindo a árvore no dia após a reintrodução de Bananas de volta à cavidade, para checar sua condição geral (abaixo).

Um Papagaio-de-Timneh adulto durante a contagem e estudo (acima). Foto tirada com a câmera Plotwatcher mostrando um ninho com três filhotes e um adulto, na Ilha de Meio (abaixo).

Agapornis na cidade

Escrito por Kristan D. Godbeer

Tradução por Mary McTague

Originário do sudoeste da África, o agapornis (*Agapornis roseicollis*) é um psitacídeo muito conhecido por avicultores e proprietários de animais de estimação pelo o mundo inteiro. Em cativeiro, eles têm se mostrado muito populares e prolíficos, resultando em uma variedade de mutações de cores.

Estas aves são muito fáceis de serem criadas em cativeiro. Elas vivem bem em pares ou em grupos, em gaiolas ou viveiros e criam seus filhotes em caixas de nidificação simples. Devido ao seu preço relativamente baixo, manejo fácil, cores brilhantes e comportamento alegre, o agapornis tem sido uma escolha popular para avicultores novatos. Por causa do número de agapornis na avicultura e como animais de estimação, era inevitável que alguns escapassem ou fossem soltos.

Antes de eu me mudar para o Arizona, nos Estados Unidos, visitei muitas vezes o estado para fazer *trekking* nas montanhas e nos desfiladeiros. Eu encontrei os

agapornis de Phoenix pela primeira vez quatorze anos atrás no quintal da casa de um amigo na cidade de Mesa-AZ. Eu reconheci imediatamente os seus sons agudos característicos de agapornis. Por um momento, nós os vimos voando rapidamente por cima de nossas cabeças e depois elas sumiram para além dos telhados das casas. Eu virei para o meu amigo e disse “eles eram agapornis: pequenos papagaios”. Ela respondeu “sim, eles vivem aqui. Você pode vê-los voando em círculo no Vale.” Neste caso, a expressão “O Vale”. é uma referência à região metropolitana da cidade de Phoenix.

Desde o primeiro encontro, eu mesmo tenho visto eles em volta do vale. Uma área de reserva que se chama “The Gilbert Preserve” fica perto da minha casa e é um lugar excelente para observar os agapornis fazendo a rotina do dia-a-dia. O parque é popular para fotógrafos, especialmente no inverno, quando os lagos estão cheios de aves aquáticas e pernaltas. Os agapornis são uma grande atração para fotografia. Bandos de vinte às vezes podem ser vistos utilizando o parque, alimentando-se nas vagens da planta leguminosa mezquite (*Prosopis* spp). A propósito, os agapornis não são as únicas espécies exóticas que eu vi no Vale. Estorninhos-comuns (*Sturnus vulgaris*), pardal-doméstico (*passer domesticus*), e a rola-turca (*Streptopelia decaocto*) também estão estabelecidos aqui. Para minha surpresa, numa ocasião eu vi uma espécie africana, um turaco unicolor (*Corythaixoides concolor*) em “The Gilbert Preserve”. Eu vi alguns observadores de pássaros com caras perplexas tentando achá-los em guias de campos sem sucesso.

Por que eles estão indo tão bem aqui? Como na terra nativa deles, os agapornis de Phoenix aparentemente gostam de ficar perto de água. Este comportamento é semelhante à outra população introduzida de agapornis híbrido (*Agapornis personata* x *A.fischeri*), que eu vi margeando a borda da Lago Naivasha numa viagem ao Kenya. Embora estejamos localizados no deserto de Sonora no Arizona, a água é abundante no Vale. Muitas casas têm piscinas, regadores para seus gramados, acesso a clubes de golfe, campos de esportes e também irrigação. Além disso, as aves não estão achando comida somente na cidade, as pessoas estão alimentando-as também. Existem alguns vídeos no Youtube que mostram os agapornis frequentando os comedores de pássaros com um tipo de codorna (*Callipepla gambelii*) e pardal (*Haemorhous mexicanus*).

O que nós realmente mais sabemos sobre os agapornis de Phoenix? Desde 1999, os avistamentos foram mapeados por Greg Clark e podem ser vistos na internet no site “Peach-faced Lovebird Range Expansion Data in Greater Phoenix, Arizona Area” (<http://tinyurl.com/azloverbird>).

Os mapas apresentam a distribuição dos agapornis e dos ninhos. A população aparentemente está crescendo, mas pouco pode ser inferido sobre a taxa de crescimento e a expansão da área. Para superar a falta de informação, uma pesquisa foi feita em 2010 pelo um grupo de ornitologistas de Arizona “Arizona Field Ornithologists (AZFO)” para verificar o estado da taxa de crescimento e da expansão dos agapornis na área metropolitana da cidade de Phoenix.

A reportagem subsequente foi escrita por Kurt A. Rademaker e Troy E. Corman e foi publicada no site de AFZO. Um total de 948 aves foi notado e é estimado que aproximadamente 2500 agapornis estão presentes. Isso deverá dar uma linha de base para avaliações no futuro. Aparentemente, a população está limitada à área metropolitana e há pouca evidência de que eles estão se mudando para o deserto xérico em volta. Entretanto, os escritores admitem que mais pesquisa é necessária. Além disso, o relatório não menciona nenhum impacto ambiental negativo, nada que poderia justificar um plano de controle populacional. Segundo o autor do relatório, um controle populacional seria mal sucedido e equivocado, porque os agapornis são numerosos e estão espalhados.

Aparentemente, os agapornis estão bem adaptados à região de Phoenix, e eles são queridos pela população local. Seria interessante aprender mais sobre como os agapornis estão interagindo com a flora e fauna nativa, e se eles são capazes de expandir seu território ao longo dos poucos rios da região. Agora com a presença de uma população de agapornis bem estabelecida, existem questões acadêmicas que são interessantes e certamente valem a pena serem refletidas.

Fotos: (acima à esquerda) *Agapornis roseicollis* comendo na planta leguminosa Mezquite (*Prosopis pubescens-leguminosae*), Reserva Riparian “Riperarian Preserve,” Cidade Gilbert na Arizona.

(Em baixo): “Riperarian Preserve”, na cidade de Gilbert no Arizona (área metropolitana da cidade de Phoenix). Água em abundância em parques e jardins planejados oferece um oásis para os agapornis introduzidos no local.

Sobre o autor

Kristan D. Goodbeer é um zoólogo/Biólogo que tem trabalhado nas áreas de ornitologia e avicultura profissional no Reino Unido, Ilhas Cayman e EUA. Ele se formou na Universidade de Bangor (País de Gales) e tem pós-doutorado pela Universidade de Exeter em ecologia e conservação.

Agapornis roseicollis

Hábitat

Encontrado até 1500m em cerrados, estepes de subdesertos, savanas com poucas árvores, florestas ao longo de rios, terras cultivadas.

Alimentação

Principalmente sementes incluindo grama, girassol, painço e milho.

Ecologia

Normalmente, vivem em grupos de 5 a 20 aves, mas em lugares em que há sementes em maturação ou água em abundância, poderia haver grupos de centenas de aves. As aves também se juntam nos galhos quando a temperatura é mais amena.

Você sabia?

Materiais para ninhos, especialmente casca de árvore, são coletados e transportados pela fêmea presos às suas penas traseiras.

Porque adotar faz sentido

Uma entrevista com Ann Brooks da *Phoenix Landing*

Ann Brooks é uma das fundadoras da Phoenix Landing (phoenixlanding.org), uma associação sem fins lucrativos para bem estar das aves nos Estados Unidos.

Lançada no ano 2000 e ativa em diversos estados da costa leste, A Phoenix Landing se desenvolveu em uma rede extensiva de voluntários para auxiliar nos programas de adoção para psitacídeos, e possui um forte programa de educação sobre cuidados com psitacídeos para melhorar a qualidade de vida das aves em cativeiro. O objetivo de Ann é garantir que a Phoenix Landing seja auto-suficiente por décadas a vir, de modo que os psitacídeos sempre terão um local seguro para pousar.

Psitacídeos de estimação podem viver por um longo tempo. A triste realidade é que muitos psitacídeos vivem mais do que seus donos e necessitam uma sucessão de bons lares. Uma maneira de ajudar é educando as pessoas sobre as questões de bem-estar, e encorajar a adoção.

Porque você acha importante para as pessoas serem realistas sobre por quanto tempo elas possam estar na vida de um psitacídeo?

A Phoenix Landing trabalha com muitas pessoas, muitas aves, e em muitas áreas geográficas. Nós não conhecemos muitas pessoas que tiveram um psitacídeo (de grande porte) por toda sua vida (presumindo que a ave viva tanto quanto deveria), portanto claramente essas aves tem necessitado uma nova casa através da adoção.

Um dos termos que menos gosto e que são frequentemente aplicados para psitacídeos é o de uma casa para sempre". É simplesmente não realístico, especialmente para psitacídeos longevos tais como Cacatuas, Papagaios amazona e Araras, que podem viver por 50-80 anos de idade dependendo da espécie. Mesmo periquitos podem viver de 15-20 anos! As pessoas podem começar tendo as melhores das intenções, mas se um psitacídeo é cuidado adequadamente, a maior parte das pessoas não tem o tempo, dinheiro, saúde ou interesse em cuidar deste "para sempre".

Outro termo que é frequentemente aplicado a aves procurando um novo lar é "resgate". Esse é um termo cheio de negatividade que implica que o psitacídeo foi vítima de negligência ou maus tratos. A maior parte das aves simplesmente necessita de uma sucessão de casas, e todas as aves merecem que estas sejam

bons lares. É por isso que todos devemos trabalhar juntos para fazer da adoção uma maneira positiva de trazer uma ave para uma família.

Quando alguém está pronto para adotar, você pergunta se ela reconhece a realidade de que outro lar pode ser necessário no futuro?

Sim! Nós colocamos isso tanto em nosso contrato inicial e final de adoção. Para quem adota é exigido que se mantenha contato conosco, de modo que quando sua ave adotada necessita de seu próximo novo lar, nós possamos garantir que também será um bom lar.

Isso mantém a ave sob a proteção da Phoenix Landing, e nossa esperança é de que ela irá de bom lar para bom lar pelo resto de suas vidas. Na verdade, pelo fato de sermos tão rigorosos sobre isso, agora estamos achando novos lares para psitacídeos já em nosso sistema do que recebendo novas aves! Nós somos ferozmente dedicados pelo resto da vida das aves que já estão sob nossos cuidados.

Que habilidades você sugere para as pessoas que queiram adotar?

Acho que a habilidade mais valiosa é a vontade de uma pessoa em aprender. Ninguém é perfeito, ninguém acerta todo o tempo. Queremos que as pessoas se mantenham motivadas e interessadas em melhorar a qualidade de vida do (s) psitacídeo (s) sob seus cuidados.

Um de nossos objetivos principais é ajudar as pessoas a terem expectativas adequadas de um psitacídeo. Por exemplo, se alguém põe as suas mãos dentro de uma gaiola de uma arara ou de uma caturrita, a ave provavelmente irá responder com um comportamento que diz “não, esse é meu espaço pessoal e eu vou fazer qualquer coisa para defendê-lo”. Para o que a resposta comum tende a ser, “essa é uma ave agressiva e eu devo me livrar dela”.

A solução simples é deixar a ave sair da gaiola antes de dar o alimento/limpar ou tentar interagir. Nós ajudamos as pessoas a entenderem como olhar a vida pelo ponto de vista de um psitacídeo, de modo que elas possam construir um relacionamento de sucesso e de longo prazo que funciona tanto para a pessoa e mais especialmente, para a ave.

Nós também procuramos pessoas que entendam que cuidar de um psitacídeo é diferente de um cão ou gato. As aves são únicas, e frequentemente tem necessidades maiores do que outros pets. Por exemplo, nossas taxas de adoção não são nada comparadas aos custos anuais de cuidados veterinários

especializados em aves, brinquedos e enriquecimento, alimento saudável, espaço físico (gaiolas, playgrounds, aviários, emergências, etc.

Para as aves maiores, isso pode ser bem caro, de modo que as pessoas que querem adotar são questionadas se são financeiramente capazes de se comprometer com um psitacídeo.

E acima de tudo, paciência! Aprender a viver com sucesso com um psitacídeo pode ser muito desafiador. Os problemas não são resolvidos de um dia para outro, mas na maior parte dos casos, a solução pode ser encontrada. **Construir confiança** é a chave para viver harmoniosamente com um animal que é presa para outros, e muitas pessoas não tem suficiente paciência para construir esse tipo de relacionamento.

Um conceito errado comumente encontrado é que um psitacídeo que se uniu previamente com uma pessoa nunca irá aceitar outra. O que você tem a dizer sobre isso?

Os psitacídeos são extremamente adaptáveis, resistentes e inteligentes, eles evoluíram desta maneira para evitar predadores e para buscar alimento. Na natureza, eles vivem em grandes bandos ou rapidamente encontram um novo parceiro se necessário - a maior parte das espécies não tem tendência em viver sozinha. Se uma ave desenvolveu um relacionamento social com uma família humana, não existe absolutamente nenhuma razão pela qual a ave não deve ter sucesso com outra família.

A maioria das aves que vêm para a Phoenix Landing são de lares amorosos onde não é mais possível que continuem; mas mesmo verdadeiros “resgates” tem chances de se adaptar se tiverem a oportunidade de se desenvolverem. Eu ainda estou para encontrar um psitacídeo que não seja adotável, geralmente existe uma família apropriada para cada um. Acima de tudo, as aves em bons lares merecem manter a sua qualidade de vida; aves em negligência e miséria merecem encontrar um lugar melhor.

Se alguém gostaria de adotar mas não tem acesso à Phoenix Landing diretamente, como essas pessoas poderiam encontrar organizações com boa reputação?

Nos EUA, eu buscaria na internet por uma organização em sua área, ou verifique com o escritório de seu veterinário de aves mais próximo. Infelizmente, as aves agora também estão aparecendo em maior número em abrigos. Existe com quase toda certeza aves para adotar em sua região.

A adoção precisa ser uma das primeiras coisas que as pessoas consideram quando buscam por um psitacídeo, porque quase toda ave irá precisar uma sucessão de bons lares. Os psitacídeos são resistentes, adaptáveis, complexos e capazes de se ajustar bem às mudanças.

Não importa onde alguém adquiere uma ave, as questões mais importantes são: se elas terão expectativas adequadas sobre aquela ave, e se elas irão fazer de toda interação uma coisa positiva que funcione para a ave também!

Legendas:

Viver com um psitacídeo pode ser desafiador, e requer dedicação. Os problemas não são resolvidos de um dia para outro, mas na maior parte dos casos uma solução pode ser encontrada. Os psitacídeos mostrados aqui são alguns dos muitos disponíveis para adoção na Phoenix Landing.

Psitta Events

Leilão do artista pelos psitacídeos

O WPT está se unindo ao artista Chris Maynard para uma arrecadação sem igual – um leilão de arte sobre vida selvagem que apoia o WPT e o artista.

Chris combina seu conhecimento científico, seus sentido artístico, e seu amor por penas em uma nova forma de arte que está sendo reconhecida mundialmente. Sua mensagem é de beleza, apreciação da vida – especialmente de aves e sua preservação.

Ele aplica vários métodos de arte, design, e ofício utilizando tesouras cirúrgicas, fórceps, bisturis, e lentes de aumento para organizar as penas em caixas em suas formas em três dimensões originais. Cada uma de suas obras tem uma história interessante atrás da delicadeza das penas, das aves que as fizeram desenvolver e as trocaram, observando as aves, e interações pessoais com os humanos associados às penas e aves.

Uma parcela do dinheiro do leilão, começando em Outubro de 2014, irá apoiar o trabalho de conservação sendo feito pelo Trust. Registre-se para se notificado quando o leilão começará, e não perca a chance de ter uma obra única de arte original que apoia os psitacídeos!

Registre online em: www.parrots.org/auction

Calendário de 2015 disponível em www.parrots.org

Psitta News

O circovírus aviário afetando os Lóris Arco íris pode ameaçar outros psitacídeos.

Cientistas da Universidade de Murdoch se preocupam que os Lóris arco-íris (*Trichoglossus haematodus deplanchii*) portando o circovírus aviário (PBFD) possa infectar as populações de psitacídeos ameaçados da Nova Caledônia, tais como o Periquito Uvea (*Eunymphicus uvaeensis*). O mesmo vírus está afetando os Lóris no continente australiano, em Nova Gales do Sul. A pesquisa continua.

Science

Network:

tinyurl.com/kw67e9z

Northern Star: tinyurl.com/mrjppqx

Programa de conservação do Periquito terrestre do Oeste a ser desenvolvido, aves criticamente ameaçadas são transferidas para o Zoológico de Perth.

Sete criticamente ameaçados periquitos foram transferidos para o Zoo de Perth, onde espera-se que eles irão reproduzir com sucesso. Os oficiais do meio ambiente estimam que existam menos de 140 dessas aves na natureza, confinados a pequenas localidades através do Cape Arid e do Parque Nacional Fitzgerald na Austrália.

Reproduzir os periquitos em cativeiro pode auxiliar na sobrevivência da espécie, e para esse fim, um punhado dessas aves foram levadas ao Zoo, onde um novo aviário as espera. Um programa de reprodução será desenvolvido para ajudar nos esforços de recuperação para a população selvagem.

Esperance Express: tinyurl.com/o2v2nvp